

N.º 2.

7º de Setembro de 1854

Desmida do conteúdo e determinação de virtudes
pharmacologicas dos medicamentos.



Dissertação

N.º 2



Quintessence

No. 2

Foja approvada ao processo do Concelho.
Coimbra 11 de Janeiro de 1845

Z. H. 1.º

Z. H. 1.º Messrs. Barjona

Do meio de conhecer, e determinar as virtudes
pharmacologicas dos medicamentos.



A pharmacologia, assim como todos os demais ramos da medicina, tem passado por diferentes aperfeiçoamentos, desde a enumeração das substancias, a que sem grande motivo se encontravao virtudes curativas, sendo estas as mais absurdas, e mais filhas dos grandes desejos de socorrer a humanidade, do que da observação, e da utilidade real, que delles se houvesse tirado. E assim que, nos primeiros tratados deste ramo das sciencias medicas, nos vemos reunidos em grande numero corpos, hums inertes, outros com accões contraditorias; collecções a que não presidiu o mais piqueno criterio na sua formação.

Mais tarde, quando as diversas theorias influirao, já na causa das mo-

exaptidão as propriedades curativas desta
imensidade de substancias assim ad-
quiridas?! . Dizendo de parte o co-
nhecimento feito pelos antigos das subs-
tancias medicamentosas (pelo instincto
dos animaes, a supposta relação entre
a propriedade physica, ou outra qual-
quer do agente pharmacologico, e a por-
te a que devia ser applicado o remedio,
em que consistia a doutrina dos si-
gnos, ou symbolos, como se pertencen-
do a historia apontarei os meios, que
tem sido empregados, para conhecer e
determinar as virtudes pharmacologi-
cas dos medicamentos, que tem sido
hum caracter mais scientifico, e que
merecem hum a seria discussão: estes
são = as qualidades physicas das substancias = a

Dr. C. Morari, Barjona

a sua composicao chimica = os caracteres das especies
naturais, que os fornecem = a experimentacao, esta
nos animais, ou no homem = a sua accao therapeutic
tica = e a sua accao physiologica =

Antes yorem de entrar em discussao,
darei algumas diffinicoes, o que me parece
util, para a boa intelligencia do
que deve seguir-se.

A Pharmacologia tem por objecto o co
nhecimento dos medicamentos.

Medicamento e toda a substancia,
que convenientemente ypreparada, e que
por qualquer via applicada no esta
do yphysiologico yprodus o pathologi
co por huma forca, que lhe e pro
pria.

Era natural, que quando se ap
resentasse um corpo, em que as qua

8. 1. 1. Novam. Barjona

qualidades sensíveis fossem idênticas a
outra já conhecida, este se reputasse
em seus efeitos pharmacologicos analo-
go aquelle: dahi vem a idea de jun-
ctar no mesmo grupo os corpos cuja
côr, sabor, e cheiro fossem approximados
senão os mesmos. Se bem que em
alguns casos isto seja exacto, está con-
tudo muito longe de se poder genera-
lisar.

Se o tanino nos é demonstrado pe-
lo sabor styptico em algumas subs-
tancias vegetaes, nem por isso diremos,
que em quanto ás outras propriedade
possa haver a mesma idêntidade,
e que não possa além d'isto existir
outro principio mais activo, que pre-
domine em alguns d'elles, produzindo as

P. J. P. de Barjona Barros

assim incluímos a gravissimos erros.

Debalde se tem querido assignar as
diferentes substancias virtuelles inheren-
tes a sua cor; e simplesmente huma
pura ficção, que e desmentida pela
mais simples observação, e parece incre-
vel, que homens taes como Cullen, e Lina-
neo dessem huma tal importancia a
estes caracteres, chegando este ultimo a
formular regras taes como = Color palli-
dus insipidum, vividis crudum, ruber acidum,
lucteus amarum, albus dulce, niger ingratum
indicat.

As propriedades chemicas se nos podem
dar alguma exactidão neste conhecimen-
to, e tão piquena, e em tão piqueno nu-
mero, que tão bem não nos pode servir
de base; e por que se e verdade, que inui-

38. Dr. P. Barjona Navarra.

muitos compoſtos partilham das proprie-
dades dos ſeus radicacs, e bem ſabido, que
e hum dos caracteres das combinações
chimicas o appresentar propriedades,
que athe ahi ſe não achavão nos cor-
pos componentes: e isto e ſo applicavel
nos anorganicos, por que nos corpos or-
ganizados a natureza das ſuas com-
binações, e os noſſos meios d'analyſe
ſão taes, que nos não podem fornecer
hum grau de certeza, qual ſe exige
neſtas circumſtancias.

Os caracteres das eſpecies naturaes,
foi huma das bases mais ſeguida
em outras ephocas, principalmente
na coordenação dos medicamentos,
que nos fornecião os vegetaes; e isto o
que alguns authors chamão = Ca =

83. Bot. Morum. Parjone

Caracteres historico-naturaes = e' esta a que
mais nos podia incluir a' irros, visto
que poderiamos suppor, que sires cuja
organisação era idêntica deverião
laborar principios da mesma natu-
reza; mas a observação, e o estudo
destas familias tem demonstrado,
que se em algumas isto se dá, co-
mo labiadas, cruciferas, e coniferas, em
outras taes como as ombeliferas, e so-
lanceas virosas apor de substancias ali-
mentares se achão outras cuja acção
dilecteria e' bem manifesta.

Por outro lado nas mesmas fami-
lias se achão virtudes medicinaes
muito differentes, em quanto que as
vamos achar analogas em outros, em

10.
J. A. Murray Poanona

seu progresso especialmente nestes ultimos tempos de anatomia e physiologia comparada; parece-me, que a Pharmacologia esta muito longe de poder tirar grandes vantagens das experiencias, que se possam fazer nos animaes, ainda os mais proximos do homem. Se nos recordarmos de que, o que para hums serve de alimento, a outros causa humma morte instantanea: que para hums certa substancia promove humma excitacao no canal intestinal, e que em outros ella e indifferente! E se muitas anomalias destas se podem explicar pela diversa organisacao dos animaes: outras ha' com tudo, que

Dr. A. M. M. M. M.

Os anjos

que escapão á nossa averiguação, de modo algum podemos dizer se ao que por tal meio verificarmos, pois que poderíamos reputar innocente aquillo, que viria no homem a produzir graves desarranjos.

Vimos pois, que para conhecermos com segurança das virtudes dos medicamentos, si os devimos ensaiear no homem; neste deverá ser no estado do pathologico, ou no physiologico?

Parece á primeira vista, que se o que nós queremos obter, é a cura das molestias, que é nestas que nós deveremos fazer os ensaios: vamos ver, qual é o resultado de modo de discutir. Para que nós possamos dizer, que huma cousa é effeito d'outra, é

J. Pi. Novas Pariziana

e mister, que a relacão entre a primei-
 ra e a segunda, ou a causalidade, se
 nos apresenta de tal modo, e com tal
 claresa, que nos não possa ficar a
 mais piquena duvida. Ora, conta-
 cimos nós por ventura a essencia da
 molestia? Não temos nós na natu-
 resa huma força, que de per si só,
 muitas vezes é sufficiente, para pre-
 ducir revoluções salutares? Serão as
 miثورas devidas ao remedio, ou a for-
 ca medicatrix?! Eis o primeiro pon-
 to aonde nos achamos embarcados!
 Por outro lado, se a molestia augmen-
 ta, diremos, que este augmento é devi-
 do ao progresso della, ou a accão do
 medicamento: dizer que huma causa
 produz um certo effeito só por que

Dr. A. M. M. B. B. B.

por que este se nos apresenta depois
 daquelle, e' o mais methodo de raciocini-
 nar. Alem disto, durante a molestia,
 não podem apparecer circumstancias,
 que fação variar o seu curso para
 bem, ou para mal, isto tudo indepen-
 dente dos meios therapeuticos, que nós
 empregamos. A uma mudança nas
 condições ~~therapeuticas~~ ^{alimentação}, ou
 no estado meteorologico podem mu-
 tas vezes dar resultados taes, que nos
 fação duvidar, se o que vemos e' ef-
 icaz, ou não da acção dos medicamen-
 tos, ou mesmo do andamento da mo-
 lestia. Quando pois isto succede com
 substancias, cuja acção nos e' já co-
 nhecida, que julgáremos d'aquelle,
 que para nós e' humo problema?!

(Hygienicos,

J. A. M. Barros Barjona

Dem pelo contrario, quando nós ensae-
amos as substancias no estado phy-
siologico, as difficuldades deminuem:
não quero com isto dizer, que não pos-
samos ser induzidos a erro, mas será
muito menor, por isso que os dados são
pela maior parte conhecidos.

Para ficarmos seguros do resultado
da nossa observação, devemos, primei-
ro que tudo, ter hum conhecimento
exacto de todas as propriedades phy-
sicas, e chemicas do agente, que vamos
empregar; depois sermos rigorosos na
observação, e discriminar bem o que é
o effeito primario, ou physiologico
do que pode ser secundario, e terciario.
Deste modo nós podemos adquirir

Dr. M. S. Soares Barjoan

noções exactas do modo d'obrar dos a-
gentes, e contar com esses resultados cer-
tos, de que se não se verificam, logo que
delles nos servirmos. Alguns argu-
mentos se tem apresentado contra
a experimentação no estado physiolo-
gico, mas apparece-me, que são mais ca-
piciosos, que verdadeiros, por que mu-
tos medicamentos mostram por este
meio qual deverá ser a sua accão,
e se alguns [os especificos] obrão de
humna maneira incognita, o conheci-
mento das suas virtudes é devido á
mera casualidade, e não á ensaios,
que com elles se tenham feito no esta-
do pathologico; e mesmo por que ho-
je se não conhece o seu modo d'ac-
ção, não devemos julgar, que hum

Z. de M. Barjona

differentes agentes, e' isto devido talvez,
mais a falta d'observaçã exacta,
do que a fadabilidade do meio.

Coimbra 15 de Janeiro de 1855

Sacinte Mto Pereira de Carvalho

Contem dezete paginas per
nis rubricadas.

Z. de M. Barjona



Handwritten text at the top of the page, including the name "Benjamin" and other illegible cursive words.

Main body of handwritten text, consisting of several lines of cursive script that are mostly illegible due to fading and bleed-through.



Additional handwritten text at the bottom of the page, including a signature and possibly a date, though the text is mostly illegible.





